



# ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese  
as a second or foreign language*

Viajando em Casa: A Interculturalidade no  
PL2E Como Elemento de Aproximação  
Entre Estudantes Brasileiros e  
Internacionais em Nossos *Campi*

Rosa Marina de Brito Meyer

Número 19

## **Viajando em casa: a interculturalidade no PL2E como elemento de aproximação entre estudantes brasileiros e internacionais em nossos *campi*<sup>1</sup>**

Rosa Marina de Brito Meyer  
rosameyer@puc-rio.br

### RESUMO

O texto, apresentado como conferência de encerramento do XII CONSIPLE, discorre sobre aspectos interculturais da cultura brasileira a partir da tese de que uma maior aproximação dos estudantes estrangeiros e estudantes brasileiros que não têm a oportunidade de fazerem intercâmbio internacional pode contribuir para o desenvolvimento de competência intercultural dos últimos, tornando-os cidadãos do mundo. Com esse objetivo, aborda questões várias da área do Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E), tais como a formação do professor, conceitos teóricos do Interculturalismo, políticas linguísticas, acolhimento de estudantes internacionais nos *campi* de universidades brasileiras. Conclui propondo atividades práticas de aproximação dos estudantes brasileiros e internacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E); Intercâmbios Internacionais de Estudantes; Interculturalismo.

### ABSTRACT

#### **Traveling at home: interculturality in PL2E as an approach element between Brazilian and international students on our campuses**

The text, presented as the closing conference of the XII CONSIPLE, discusses intercultural aspects of Brazilian culture based on the thesis that a closer relationship between foreign students and Brazilian students who do not have the opportunity to make international exchanges can contribute to the development of intercultural competence of the latter, making them citizens of the world. With this goal, it addresses various issues in the area of Portuguese as a Second Language for International Students (PL2E), such as teacher training, theoretical concepts of Interculturalism, language policies, and the reception of international students on Brazilian university campuses. It concludes by proposing practical activities for bringing Brazilian and international students together.

**KEY WORDS:** Portuguese as a Second Language for International Students (PL2E); Student International Exchanges; Interculturalism.

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada, a convite, no XII CONSIPLE – Congresso Internacional da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira -, no campus da UFAM, Manaus, em 27/09/2019.

Goiabada com queijo, festa junina com quadrilha, namoro com beijo. Um não existe sem o outro. Ou melhor, existe, mas não tem o mesmo sabor.

Intercâmbio e aprendizado de língua.

Até existem programas de intercâmbio de curta duração que excluem o aprendizado da língua local, em que os estudantes desenvolvem todas as atividades na sua língua materna, com professores da sua universidade de origem, assistidos por coordenadores da sua mesma nacionalidade. Existirá grande diferença entre este tipo de intercâmbio e uma viagem de turismo guiado?

Porque para se conhecer um lugar, um povo, uma cultura por dentro é preciso interagir com as pessoas, comer nos restaurantes frequentados pelos moradores, dançar nas festas da região entendendo a sua força cultural, comer comidas típicas saboreando o seu valor afetivo, entrar nos becos, ir aos estádios, assistir tevê, namorar.

E para fazer isso é preciso falar a língua local, nem que seja uma fala manca, com problemas gramaticais, com vocabulário limitado, com fluência macarrônica. Quem tem boca vai a Roma. Quem não se comunica se trumbica. Quem não fala a língua local se exclui.

Hoje quase todas as nossas universidades recebem estudantes internacionais em seus *campi*. Mas as estruturas de recebimento variam muito. Algumas oferecem palestras e atividades de orientação de chegada, outras, não. Algumas oferecem alojamento no campus; outras, em casas de família; outras, apenas orientação para aluguel. Tudo depende do estágio de desenvolvimento do Departamento de Intercâmbio, ou Escritório Internacional, ou seja lá qual for o nome dado ao setor em cada instituição. Mas muitas, infelizmente, nem têm um setor próprio para cuidar desses estudantes.

Algumas oferecem aulas de Português para Estrangeiros, outras nem isso. E quando oferecem, ainda há divergência: essas aulas são obrigatórias ou a frequência é voluntária? Conferem créditos acadêmicos ou são apenas atividades extras, de extensão? São ministradas por professores ou por alunos de graduação monitores?

Se ministradas por professores, esses são especialistas em Português como Segunda Língua (PL2) - ou Língua Estrangeira (PLE), ou Língua Adicional (PLA), ou Língua de Acolhimento (PLAc), como queiram chamar, aqui não faz diferença - ou por professores de outras línguas emprestados, que entendem tudo de ensino de segunda língua, mas não entendem **do português** como segunda língua? Pior ainda, seriam esses mensageiros da boa vontade professores de Literatura ou de Linguística, pouquíssimo afeitos às questões de uso do português que surgem em sala de aula?

Pois é. São muitas as questões que envolvem o nosso campo de trabalho. De minha parte, já vou adiantando: sou ferrenha defensora de que o professor de Português para Estrangeiros deve ser um profissional preparado para isso, especialista em PL2/PLE- e não é de hoje que eu digo isso; como prova, aqui cito a mim mesma em um texto apresentado e impresso nos *Anais do II Congresso da SIPLE*, realizado no campus da PUC-Rio em 1999 (MEYER 1999).

Na PUC-Rio, nomeamos a área como Português como Segunda Língua para Estrangeiros – o PL2E do título desta conferência. Escolhemos esse nome para ficar claro que desenvolvemos ensino e pesquisa do português como segunda língua – ou seja, em ambiente de imersão, em

que o aluno usa a língua socialmente – para estrangeiros – ou seja, não para indígenas ou surdos. E a principal característica de nosso trabalho está em nos dedicarmos não às questões características da Língua Aplicada, mas sim à **descrição do português** tomado não como língua materna, mas como segunda língua. Assim, ocupamo-nos dos mais variados aspectos linguísticos que precisam ser identificados, analisados, descritos e ensinados: os morfossintáticos, os semântico-discursivos, os culturais, e os interculturais do PL2E.

Atestam a produtividade da nossa abordagem o expressivo total de 78 dissertações e teses orientadas por mim – e mais umas 10 orientadas por outros docentes -, somadas às mais de 200 monografias produzidas no curso de especialização *Formação de Professores de Português para Estrangeiros*. Lançamos ainda uma publicação online, a Série *Ensaio em Português como Segunda Língua ou como Língua Estrangeira*, com excelente volume de acessos no sistema Maxwell da PUC-Rio, responsável por dar visibilidade à pesquisa realizada na e em colaboração à universidade.<sup>2</sup>

E como eu ocupei, por 17 anos, um cargo semelhante ao de Pró-Reitora de Cooperação Internacional (na PUC-Rio intitulado Coordenadora Central de Cooperação Internacional), deu-se uma conexão natural entre PL2E e intercâmbio (MEYER 2012).

Assim, no Departamento de Letras da PUC-Rio temos Português para Estrangeiros oferecido de várias formas: (i) turmas regulares, em 5 níveis de proficiência, com matrícula mandatória para todos os estudantes de intercâmbio internacional mediante o resultado de teste de nivelamento; (ii) turma instrumental – ou, como se diz mais modernamente, para fins específicos -, oferecida para estudantes de pós-graduação do Centro Técnico-Científico, que não são obrigados a cursar português (até porque a universidade aceita que dissertações e teses sejam defendidas em inglês, espanhol, francês e alemão), mas querem aprender a nossa língua para além do uso coloquial da rua; (iii) turmas intensivas pré-semester letivo, não obrigatórias, para intercambistas que querem desenvolver o seu português antes de as aulas começarem; (iv) turmas de extensão, para a comunidade externa à universidade; e (v) turmas customizadas, oferecidas por encomenda de empresas ou universidades estrangeiras.

Todas essas aulas são ministradas não por alunos, mas por uma equipe de docentes especializados e exclusivos, ou seja, contratados pelo Departamento de Letras para este fim específico, e que têm, no mínimo, o grau de Mestre em Letras, com pesquisa em PL2E. Temos ainda monitores de graduação que auxiliam os professores prestando tutoria a alunos mais lentos ou que começam tardiamente a frequentar as aulas. E, por fim, temos a preciosa colaboração de alunos da pós *Stricto Sensu* que, seja de forma independente, seja através do estágio docente exigido aos bolsistas CAPES, atuam de forma eventual, mas sempre trazendo contribuições efetivas ao programa.

E então, apresentadas as bases da nossa experiência, chegamos ao objetivo principal da nossa conferência. Repito o título: *Viajando em casa: a interculturalidade no PL2E como elemento de aproximação entre estudantes brasileiros e internacionais em nossos campi*.

Viajar em casa? Como assim?

---

<sup>2</sup> E eu quero enfatizar: a publicação está aberta à submissão de ensaios, a serem apreciados pelo Corpo Editorial. Animem-se! Mandem ensaios! Nós queremos contar com a maior variedade de tendências na área.

A primeira constatação é que eu vou passear, aqui, por um terreno que não é exatamente o do Português para Estrangeiros, embora se cruze e entrecruze com ele. Desta vez, portanto - para atender à solicitação dos organizadores do evento, de unir PL2E e internacionalização da universidade brasileira -, não vou tratar do assunto que me é mais caro: os aspectos mais relevantes na descrição do português como segunda língua para estrangeiros.

A questão que quero debater é, então: nós sempre nos preocupamos muito com os nossos intercambistas internacionais e o seu aprendizado do português, e estamos certos nisso: eles precisam da nossa atenção e merecem a nossa dedicação, sem dúvida. Mas, enfocando a questão por outro lado, pergunto: e os nossos estudantes brasileiros, onde eles se situam neste ambiente de intercâmbios?

Intercâmbio internacional não é para todos – pior do que isso: é para poucos, muito poucos. Infelizmente.

Então, pergunto: por que permitimos que apenas esses premiados pela vida, aqueles que conseguem sair do seu habitat e alçar voo para outras terras, experimentem outras culturas? Por que não beneficiar também os nossos estudantes locais, através da presença dos intercambistas em nossos *campi*?

Claro, o mundo globalizado, tecnologizado, internetizado, midiassocializado (perdoem os neologismos) permite muito intercâmbio intercultural. Não são poucos os casos de jovens de baixa renda, sem nenhuma oportunidade de frequentar cursos de línguas, que conseguiram aprender inglês – ao menos algum inglês – navegando na internet, jogando jogos eletrônicos ou interagindo com amigos conquistados nas redes sociais. No entanto, essas experiências são fortuitas, e podem levar ou não ao aprendizado de uma língua estrangeira. Mais do que isso, elas podem ou não esclarecer diferenças culturais para uma boa compreensão entre os envolvidos; na maioria das vezes, apenas reforçam estereótipos, criando mais estranhamento e dificuldade ainda.

Então, voltamos aos nossos brasileiros em universidades brasileiras, falando português, interagindo com outros brasileiros, mas com possível acesso a alguns estudantes de outras nacionalidades, oriundos de universidades de outros países, falantes de outras línguas e representantes de outras culturas. Como estimular esse contato e fazê-lo proveitoso para ambos, de forma que todos desenvolvam consciência intercultural?

Podemos fazer isso. Devemos fazer isso.

Mas, para seguir esse caminho, preciso fazer uma breve digressão para apresentar alguns conceitos teóricos que vão embasar as minhas propostas a seguir.

Vamos começar com o conceito de cultura. Todos sabemos que há inúmeras acepções para o termo. Mas eu quero abordar a cultura numa perspectiva interculturalista. Entendemos, aqui, Interculturalismo como o estudo das relações entre membros de grupos multiculturais, ou seja, grupos com bases linguístico-culturais diferentes, e as consequências – positivas e negativas – oriundas da interação entre eles.

Assim, há interculturalidade quando um manauara fala com um ribeirinho, entre um amazonense e um carioca, entre um carioca de Ipanema e um carioca de Madureira (zona norte, berço do samba); entre um carioca de Ipanema que vive na caríssima Av. Vieira Souto e um

carioca de Ipanema que mora na favela do Cantagalo; entre o condômino do edifício chique e o zelador, também morador; entre o condômino idoso aposentado e o condômino jovem surfista; entre marido e mulher. Logo, em qualquer interação, em qualquer nível de recorte social, há interculturalidade.

A interação intercultural que nos interessa aqui particularmente é a que acontece entre os falantes de português do Brasil língua materna com falantes de outras línguas. Entre os representantes da cultura brasileira e os membros de outras culturas.

E o problema maior não está nos chamados erros gramaticais (MEYER 2000). Ao ensinar o português para falantes de outras línguas, a gente sempre se preocupa com o paradigma verbal - “Subjuntivo é muito difícil, prestem atenção!” -, com as preposições - “ele está DE pé / ele vai A pé” -, as concordâncias - “O problema SÃO os obstáculos”. Mas convenhamos: se um visitante disser, respondendo para um brasileiro que o convidou para uma pelada: “Eu não vai de ônibus, eu vai de pé”, ele vai se fazer entender? Vai. A comunicação vai ser impossível? Não vai. Pode ficar um pouco difícil? Pode; mas impossível, não.

Agora vamos mudar o quadro. Imagine que o nosso visitante precisa recusar o convite para a pelada, mas não domina as formas de polidez do português e não sabe, portanto, que em português do Brasil responder com um *não* pode soar muito grosseiro. Imaginemos que ele, no alto da sua ingenuidade intercultural, diz: “Obrigado, mas eu não vai” ou “Obrigado, mas eu não pode ir”. Como o brasileiro reagiria? Muito mal, é claro, Nenhum de nós gosta de levar um *não* “na lata”.

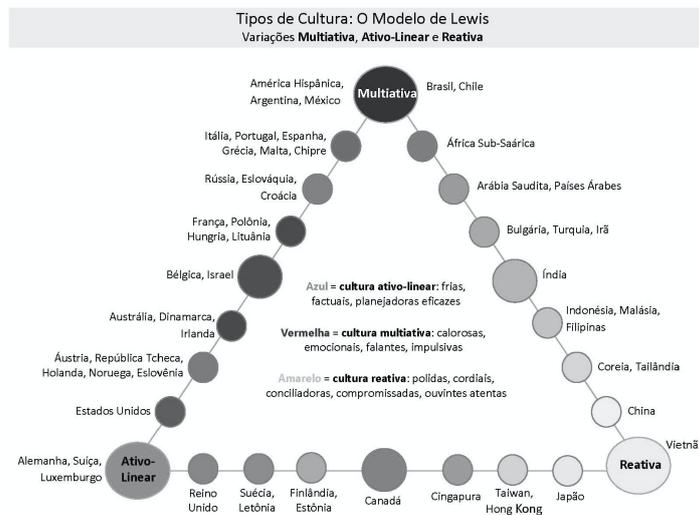
Onde está o problema maior? No erro gramatical “eu não VAI / eu não PODE ir” ou na falta de amenizadores para a recusa ao convite? Porque um brasileiro responderia mais ou menos assim: “Ai, que pena! Eu adoraria, mas acho que não vai dar. Domingo eu tenho que ir na casa da minha mãe / ou da minha avó / ou da minha namorada, já está tudo marcado; e eu já desmarquei umas duas vezes, não vai dar para desmarcar de novo. Fica para outra vez, tá? Mesmo: quando tiver outra pelada, não deixa de me chamar”. Não é assim que nós nos desvencilhamos de situações difíceis? (PRADO 2001).

Longe de mim desvalorizar o ensino-aprendizagem das estruturas do PL2. Eu defendo uma abordagem eclética, que se beneficie de todos os recursos metodológicos disponíveis, considerando-se o tópico em foco caso a caso. Acredito no Foco na Forma (LONG 1991; DOUGHTY & WILLIAMS 1998); mas também no foco na expressão de identidade, foco na interação, foco no convívio social, foco na inserção cultural. FOCO.

Mas retornando aos convites e recusas: esse comportamento típico dos brasileiros em geral (não todos, claro, que aí cairíamos num estereótipo) é considerado, dentro do Interculturalismo, como uma manifestação de **Cultura Subjetiva**.

E para diferenciar cultura objetiva de cultura subjetiva de forma rápida, vou aqui recorrer à metáfora do iceberg, que parece que flutua, mas na realidade tem a sua maior parte submersa, não visível. À parte visível associamos a cultura objetiva; à parte submersa, invisível aos olhos desavisados, relacionamos o conceito de cultura subjetiva (HALL 1998; MEYER 2013), relacionada aos valores, desejos, comportamentos etc. É ela que vai nos auxiliar em nossa tarefa. É dela que vamos tratar daqui para a frente.

Sabemos, através da teoria do cruzamento de culturas de Lewis (LEWIS 2019; website <http://www.crossculture.com>), que os grupos linguísticos nacionais podem ser classificados, de forma escalar, considerando-se 3 vértices: os multiativos, os lineares-ativos e os reativos.



Quadro traduzido e adaptado de: <http://www.crossculture.com>

Sendo **multiativos** por excelência, situados no topo do triângulo, nós brasileiros tendemos a ser prolixos, emotivos, criativos, coletivistas; lidamos com o tempo de forma relativa, percebemos a realidade dos fatos de forma flexível, realizamos várias tarefas simultaneamente; nos expressamos através de vários recursos além do verbal, escancaramos as nossas emoções, condicionamos a verdade ao contexto. Já se identificaram, não é? Claro que sim; nós brasileiros em geral somos assim mesmo – uns mais, outros menos, os de uma região mais claramente do que os de outras regiões, não importa: a essência é a mesma: brasileira.

Mais uma vez vou aqui ressaltar: isso é **uma tendência** do comportamento do brasileiro, não um molde que enquadraria todos nós. Cada um é um, em cada interação a dois há uma situação intercultural específica, nenhum brasileiro age exatamente igual ao outro. Falamos aqui de tendências, de generalidades, não de comportamento fixo.

Assumindo, então, que a maioria de nós apresenta aquelas características, podemos nos aceitar como um grupo de cultura multiativa.

Já os nossos intercambistas internacionais vêm de variados países, portanto, de variados tipos de culturas. Alguns são também considerados multiativos – como os mexicanos, por exemplo -; outros, lineares-ativos – como os alemães; – e outros, reativos – como os chineses. Há ainda os que estão em posições intermediárias, na escala de Lewis: por exemplo, os franceses, entre multiativos e lineares-ativos, e os sírios, entre multiativos e reativos (Cf. Quadro acima).

Logo, em princípio, a interação entre os nossos alunos e eles não é simples. Diferenças de padrão cultural e identidade social e, conseqüentemente, de comportamento podem criar mal-entendidos que acabam contribuindo para a segregação em que os nossos estudantes internacionais tendem a se encontrar, muitas vezes lamentando não ter tido muitas oportunidades para conhecer brasileiros em profundidade. E o mesmo tende a acontecer com os nossos estudantes brasileiros quando saem em intercâmbio, e retornam lamentando terem feito amizade com muita gente do mundo todo, mas com quase nenhum colega do país hospedeiro.

Atividades conjuntas, então, se fazem necessárias; mas não atividades acadêmicas apenas: atividades de convivência, de troca, de tomada de consciência das diferenças, para o desenvolvimento de competência intercultural (PETERSON 2004). E competência intercultural é a chave do nosso negócio, é a cereja do bolo, é o que precisamos desenvolver em nossos alunos – e, claro, em nós mesmos, para início de conversa.

Primeiro a gente procura despertar neles a sua **inteligência cultural**, de modo que eles possam conhecer-se a si mesmos com um olhar de fora, entender os traços definidores da sua cultura, adquirir a consciência de que a sua própria cultura não é nem a única nem a melhor, face a todas as demais culturas do mundo. É difícil. Nós brasileiros tendemos a esquizofrenicamente oscilar entre um pessimismo do fundo do abismo – *Esse país não tem jeito mesmo; Só no Brasil mesmo; o Brasil é o país do futuro, só que o futuro não chega nunca* – e um patriotismo ufanista do topo da mais alta montanha – *Nenhuma comida do mundo é melhor do que arroz com feijão; A mulher brasileira é a mais linda do mundo; As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá*. Mas há que se tentar, com afínco.

Eu costumo dizer que um dos piores enganões que um professor de Português para Estrangeiros pode fazer é tentar provar aos seus alunos que tudo aqui é o melhor do mundo. É algo comparável a chegar eu, aqui em Manaus, dizendo que o Rio de Janeiro é o que há de melhor no Brasil. Que gafe isso seria, não? Até porque todos os lugares do Brasil são o melhor lugar do Brasil. Todas as culturas do mundo são a melhor cultura do mundo. Mas erro de mesma dimensão é vender a ideia de que o Brasil é o pior país do mundo. Seja por más experiências pessoais, convicções políticas frustradas ou mero niilismo existencial, ficar apontando para os nossos alunos apenas as mazelas do país, o que temos de pior, também não ajuda nada. Equilíbrio, gente, é bom e faz muito bem.

A seguir, partimos para o desenvolvimento de **competência intercultural**. Que é a capacidade de uma pessoa transitar entre diferentes grupos culturais sem se sentir desconfortável. Adquirir competência intercultural é, pois, desenvolver uma série de habilidades cognitivas, afetivas e comportamentais que permitam a um membro de um grupo social desempenhar-se com sucesso em variados ambientes culturais, interagindo de forma eficaz com os membros dessas outras culturas. Tem, portanto, estreita relação com o conceito de zona de conforto. Claro, sem inteligência cultural não se atinge a competência intercultural.

Sabe-se que, quanto mais exposta a diferentes culturas, a pessoa tem mais possibilidade de desenvolver a sua competência cultural. Mas esse não é, nunca, um processo linear e suave: haverá culturas mais difíceis para uns que para outros; haverá momentos mais tensos para uns que para outros.

Voltamos, então, ao objetivo desta conferência: o que queremos é desenvolver, nos nossos alunos brasileiros, uma inteligência cultural e uma competência intercultural que os tornem cidadãos do mundo. E, para atingirmos esse objetivo, temos uma matéria prima preciosa nos nossos *campi*: os nossos alunos internacionais e outros falantes de outras línguas, geralmente todos matriculados em turmas de Português para Estrangeiros. Que sejam alunos regulares, estudantes de intercâmbio, refugiados, indígenas, filhos de imigrantes, não importa; na realidade, quanto mais diversa a sua origem – nacional, étnica, social, linguística –, tanto melhor.

Desde que essa seja uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que criamos condições para que o nosso aluno brasileiro experimente outras culturas, criamos situações para que o nosso aluno estrangeiro pratique o português e a nossa cultura. Porque esse será sempre o foco primeiro do profissional do PL2E não é? A língua e a cultura do Brasil.

Aqui preciso fazer uma outra breve digressão. Em tempos politicamente conturbados, em que tudo parece ser conduzido e determinado pelas ideologias, corremos o risco de nos afastarmos da desejável objetividade científica e abandonarmos o compromisso acadêmico com a produção de conhecimento, para abordarmos o nosso objeto de estudo e trabalho – o português como segunda língua ou língua estrangeira – por um viés ideológico. Assim, alguns pesquisadores, creio que para firmar uma posição política em defesa do que entendem como as “minorias linguísticas” – LIBRAS, línguas indígenas nacionais e línguas dos imigrantes -, chegam a desmerecer o papel do português na integração dessas minorias à sociedade brasileira. Comparam o ensino do português a esses grupos com o ensino do português a negros e índios no Brasil colonial, o que – segundo esses mesmos pesquisadores - teria lhes impedido de viverem e preservarem a sua identidade étnica. Considero essa postura profundamente enganada. Obviamente que devemos acolher, como linguistas que somos, todas as manifestações de todos os grupos sociais, demarcados regional ou socialmente. Logo, assim como precisamos entender que os dialetos sociais – das classes sociais, dos grupos profissionais, das situações de enunciação, das modalidades de conversa etc – são todos corretos nos seus contextos específicos de uso, assim também precisamos aceitar que grupos étnico-linguístico-culturais escolham se comunicar através de suas línguas maternas nos contextos em que isso seja possível. Não devemos, porém, em hipótese alguma, desmerecer o papel identitário, gregário e socializador da língua portuguesa. É ela – o português do Brasil - que nos faz brasileiros, não argentinos, não americanos, não chineses. É ela que nos faz brasileiros, e não apenas sul-americanos; é ela que permite que todos esses grupos sociais se comuniquem uns com os outros; é ela que nos permite entender o mundo, as coisas, os animais, as pessoas, os comportamentos, os sentimentos. Como diz o poeta Caetano Veloso na canção “Língua”:

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões  
(...)  
Minha pátria é minha língua  
(...)  
Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó  
O que quer  
O que pode esta língua?  
(...)  
A língua é minha pátria

Mas voltando: como atrair nossos jovens brasileiros e estrangeiros para atividades que não dão nota nem conferem créditos? – vocês devem estar pensando, e com razão. Via de regra, não é fácil atrair jovens para algo além das obrigações – e olhe lá!

Para isso, há uma palavrinha mágica: comida. Não é brincadeira não, é a mais pura verdade. Brasileiros e estrangeiros, todos os nossos alunos se sentirão absolutamente seduzidos pela perspectiva de um lanche 0800.

Então, mãos à obra! Vamos cobrar essa ligação, porque, como se sabe, não há almoço grátis. Eles vão comer, mas vão trocar experiências.

Haveria uma infinidade de atividades que eu poderia apresentar para essas ocasiões. Vou listar três exemplos, usando temas sugeridos por estudantes de intercâmbio estrangeiros e brasileiros.

1. Rodada de mesas frente a frente com os alunos externos se alternando para fazer, em um minuto, exposição individual sobre temas sugeridos, tais como: um lugar inusitado para conhecer; uma rotina familiar que desperta curiosidade; um tipo popular que não existe no seu país; como arranjar um/a namorado/a; como protestar quando tentam me enganar numa compra; por que topless é aceito no carnaval mas não na praia?
2. Troca de experiências físicas a partir de parâmetros comportamentais, tais como: cumprimentos com toque ou beijinhos; troca de posição para cada um ficar bem pertinho de alguém de outra nacionalidade; marcação de um quadrado no chão para simular o aperto num elevador; dirigir-se a alguém com um toque no braço para pedir uma informação.
3. Dramatização – primeiro alunos de mesma nacionalidade, depois brasileiros e estrangeiros – de situações tais como: paquerar; simular uma discussão por causa do último pedaço da pizza; questionar a nota com a professora; reivindicar, junto à dona da casa onde mora, o direito de trazer o/a namorado/a para dormir; uma jovem explicar, para um rapaz, que não aceita ser tocada, e muito menos beijada, sem consentimento; discutir com o/a namorado/a por ciúmes.

Essas são apenas algumas sugestões. A criatividade de todos vocês, professores de Português para Estrangeiros, certamente haverá de elaborar atividades ainda mais produtivas do que essas que eu propus.

Outra possibilidade de troca intercultural seria colocar em debate afirmações de cada lado (brasileiros e estrangeiros), para apreciação do lado oposto. Então eu trago aqui algumas declarações de alunos internacionais meus, que poderiam ser utilizadas para esse fim. Todos esses trechos fizeram parte da resposta a uma questão da prova final da disciplina<sup>3</sup> que ministrei em inglês para intercambistas, questão essa que pedia que eles comparassem os (pré)conceitos sobre a cultura brasileira com que chegaram ao Brasil e os conceitos formados durante o semestre com que estariam retornando aos seus países.

Para apresentá-las, organizamos uma lista inspirada no modelo DMIS (*Development Model of Intercultural Sensitivity*) proposto por Milton Bennett (BENNETT 2004), que postula a existência de seis fases no processo que evolui do choque cultural à integração a uma cultura: (i) 3 fases no eixo etnocêntrico, quando, na experiência intercultural, a cultura de origem se sobrepõe às outras - *denial*, *defense*, *minimization*, e (ii) 3 fases no eixo etnorrelativo, quando as novas culturas passam a conviver com a de origem: *acceptance*, *adaptation*, *integration*. No nosso caso, estamos propondo cinco tipos de declarações, de acordo com o grau de aceitação que revelam em relação à cultura brasileira: espanto, desconforto, identificação e integração. São as seguintes, então:<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Special Topics in Portuguese Language: Intercultural aspects of the Brazilian Culture

<sup>4</sup> Intencionalmente, os autores não estão identificados.

### 1. Declarações que denotam espanto:

“O Rio foi uma montanha-russa de experiências de aprendizado cultural – tanto boas quanto ruins.” (País de Gales)<sup>5</sup>

“Eu acho inacreditável como todas as pessoas são lentas, ninguém tem pressa e tudo acontece muito lentamente.” (Dinamarca)

“Eu fiquei muito surpreso com o complexo de vira-lata que a maioria dos brasileiros que eu conheci tem. A maioria dos brasileiros não perde tempo para criticar o seu país e a eles mesmos. Um até falou ‘Eu devo ter feito alguma coisa terrível na minha vida passada para ter nascido brasileiro’.” (EUA)

“Eu não tinha me dado conta de como um lugar poderia ser tão paradoxal. Por exemplo, as pessoas são muito despreocupadas e flexíveis e no entanto há tantas regras.” (EUA)

### 2. Declarações que mostram desconforto:

“Eu aprendi que aqui no Brasil os sentimentos muitas vezes são mais importantes do que a informação baseada em fatos.” (Canadá)

“Os brasileiros são certamente o povo mais barulhento e aberto. O lugar onde eu percebi isso mais claramente foi nos bares e em eventos sociais. Pessoalmente eu achei isso intimidador e desconfortável no início, eu sei que eu não falo tão alto, não exprimo as minhas emoções nem falo sobre assuntos íntimos com estranhos, tudo que os brasileiros adoram fazer.” (Inglaterra)

“Os brasileiros podem fazer várias coisas ao mesmo tempo, então não é estranho estar no escritório e assistindo a um jogo de futebol ao mesmo tempo. Isso faz com que tudo seja menos sério e mais informal, curtir a vida é bom e não faz muita diferença se a tarefa não é concluída quando ou como deveria, e tudo bem. Falta de pontualidade, mudanças de planos e desculpas são frequentes no dia a dia.” (Espanha)

### 3. Declarações que registram descobertas:

“Eu não esperava que os brasileiros fossem tão abertos sobre as suas vidas. Eu sempre pensei *mind your own business* – não se meta na vida das outras pessoas, foque na sua própria vida. No entanto, os brasileiros vão, todos satisfeitos, te contar tudo o que você quiser saber sobre eles mesmos e ainda mais, incluindo assuntos muito íntimos. Isso me deixava muito desconfortável no início, mas agora eu comecei a apreciar isso nos brasileiros e me sentir confortável me abrindo mais nas conversas.” (EUA)

“Eu adoro quando é tão fácil conhecer novas pessoas e você dificilmente se sente solitário no Brasil. Quando eu comparo com a Finlândia, por vezes é muito mais difícil para estrangeiros conhecerem e fazerem amigos finlandeses. Os brasileiros geralmente se interessam pelas culturas estrangeiras, o que é muito bom.” (Finlândia)

---

<sup>5</sup> Como foram redigidas em inglês, todas as traduções são minhas.

#### 4. Declarações que demonstram identificação com a cultura brasileira:

“Eu nunca tinha ouvido falar no jeitinho antes, nem sobre as suas nuances, mas agora eu compreendo como ele reflete amplamente a atitude brasileira de pensar fora da caixa e de tornar boas, situações potencialmente ruins, através do pensamento artesanal fora da caixa. Como eu sou uma britânica, eu provavelmente vou me sentir sempre muito sem jeito para pedir um jeitinho no Reino Unido, mas eu deixo o Brasil com uma carinhosa admiração de sua muito particular genialidade.” (Inglaterra)

“Uma coisa que eu esperava e que é tão maravilhosa para mim é a abertura e a maneira como as pessoas falam de sentimentos e quão emocionalmente elas agem. Isso é uma coisa de que eu sempre senti falta no meu país e finalmente eu encontrei aqui. Porque todos os meus amigos sempre me disseram: ‘você é aberta demais, franca demais, emotiva demais, barulhenta demais. E com os meus amigos brasileiros eu nunca tive esse tipo de problema.’” (Alemanha)

#### 5. Por fim, destaca-se uma declaração que apresenta uma pungente integração do estudante estrangeiro ao ambiente cultural brasileiro:

“Quando eu cheguei aqui, eu me tornei voluntária na Casa Santa Ignez, uma fundação na Gávea que atende crianças de comunidade. Num certo momento, eu colaborei com um grupo de outros universitários e ensinei inglês às crianças. Essa experiência, em si mesma, foi provavelmente a melhor experiência que eu tive durante toda a minha estada. Eu conheci crianças tão talentosas, curiosas sobre o que existe fora das suas comunidades – e especialmente fora do seu país. Eu sinto que o que é necessário para entender as pessoas que vivem nas favelas é apenas ouvir as suas histórias. Para mim, foi uma experiência inesquecível ser capaz de conhecer crianças de comunidades tão diferentes da minha própria. Não apenas eles aprenderam comigo, mas eu aprendi com eles também. (Noruega)

Mas como trabalhar com essas experiências culturais em nossa terra? Todos esses depoimentos podem ser colocados em discussão em rodas de estudantes brasileiros e estrangeiros, pedindo-lhes que debatam suas impressões positivas e negativas sobre o que ali está registrado. Esta seria uma excelente forma de apresentar, aos nossos estudantes, pensamentos diferentes das suas próprias convicções. Outras culturas subjetivas. Outras identidades. Outras formas de ver, sentir, pensar e agir.

Essa é, então, a essência do que estamos propondo aqui: desenvolvimento de competência intercultural nos nossos estudantes brasileiros através de ações que ponham em contato as diferentes culturas que coabitam os nossos *campi*. Convidá-los a viajar em casa.

Pato com tucupí, cinema com pipoca, festa com música. Um até pode existir sem o outro, mas fica sem graça.

Estudante brasileiro e estudante estrangeiro. Português do Brasil e línguas do mundo. Cultura de cá e cultura de lá. Um pode até viver separado do outro. Mas é do encontro que se dá a convivência; e é da convivência que surge a compreensão. E é a compreensão entre nós e eles que contribui para uma boa convivência entre os diferentes povos do mundo, que faz a nossa profissão valer a pena.

## REFERÊNCIAS:

BENNETT, M.J. (2004). "Becoming Interculturally Competent" In Wurzel, J. (Ed.). *Toward multiculturalism: A reader in multicultural education* (2nd ed., pp. 62-77). Newton, MA: Intercultural Resource Corporation.

Doughty, C., & Williams, J. (1998). *Focus on form in classroom second language acquisition*. New York: Cambridge University Press.

HALL, E. T. (1998). "The power of hidden differences" IN: BENNETT, M. J. *Basic Concepts of intercultural communication – selected readings*. Yarmouth, USA: Intercultural Press.

<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44738/>

LEWIS, R.D. (2005). *When Cultures Collide*. (3ª. Ed.) Boston; London: Blackwell.

\_\_\_\_\_. <https://www.crossculture.com>

Long, M (1991). "Focus on form: A design feature in language teaching methodology". In De Bot, Kees; Ginsberg, Ralph; Kramsch, Claire (eds.). *Foreign language research in cross-cultural perspective*. Amsterdam: John Benjamins.

MEYER, R. M. B.. "Formação de professores de Português para Estrangeiros: o modelo da PUC-Rio". In: *Anais do II Congresso da Sociedade Internacional de Português para Estrangeiros - SIPLÉ*, 1999, Rio de Janeiro. SIPLÉ, 1999.

MEYER, R. M. B. (2000). "Língua portuguesa e identidade cultural brasileira: questões de comportamento linguístico". In: *V Congresso da Brazilian Studies Association - BRASA*, Recife: BRASA.

MEYER, R.M.B. (Org.) (2012). *Internationalization and Academic Quality Enhancement: 20th anniversary of PUC-Rio's International Office*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

MEYER, R.M.B.; ALBUQUERQUE, A.F. (Orgs.) (2013) *Português para Estrangeiros: Questões Interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

PETERSON, B. (2004) *Cultural Intelligence*. Yarmouth: Intercultural Press, 2004.

PRADO, B.L.S. (2001). A Recusa a convites no comportamento linguístico do brasileiro uma descrição do português como L1 com aplicabilidade em L2. Dissertação de mestrado. Orientador: MEYER, R.M.B. Rio de Janeiro: PUC-Rio.